Dia 5 — São Malo, Bispo e Confessor

Martirológio Romano

São Zacarias, sacerdote e profeta, pai de São João Batista. (São Lucas, evangelista, no princípio de seu Evangelho faz elogios deste santo Profeta e de suas virtudes, sobre o que se escreveu o que dele se diz no princípio da Natividade de São João Batista, dia 24 de junho. No que respeita à história de sua morte, tem dificuldades, pela contrariedade que se nota nos autores que dela escrevem. São João Crisóstomo, com Santo Epifânio, é de parecer que Zacarias foi morto por mandado do rei Herodes porque não quis dar seu filho, o Batista, para que fosse morto entre os demais meninos inocentes; o que contradizem outros graves autores, dizendo que, por estar a casa de Zacarias no distrito de Belém, Isabel, a mãe do Batista, avisada do cruel edito contra os meninos inocentes, foi-se ao deserto com seu filho, onde ela morreu, e o menino ficou em poder de Anjos a quem Deus deu o encargo de sua criação. Outros dizem que Santa Isabel se escondeu com seu filho num mosteiro dos filhos dos Profetas, descendentes do patriarca Santo Elias, e que ali se criou o menino João no Instituto carmelitano, e esta opinião é a mais corrente e comum. Mas sejam quais forem as circunstâncias da morte do profeta Zacarias, é certo que ele é um grande Santo e tem no céu eminente lugar entre os Patriarcas e Profetas.)

Santa Isabel, mãe do mesmo São João Batista.

O martírio dos santos mártires Félix, presbítero, e Eusébio, monge, em Terracina, na Campânia: tendo o último enterrado os santos mártires Juliano e Cesário e convertido a muitos à fé católica, aos quais batizava o presbítero Félix, juntamente com ele foi preso e levado ao tribunal do Juiz e, não podendo ser vencidos, levaram-nos ao cárcere; e aquela mesma noite, por não quererem sacrificar aos deuses, foram degolados (pelos anos de 360).

Os santos mártires Galáscion e Epistema, sua mulher, em Emesa, na Fenícia; os quais, na perseguição de Décio, foram açoitados, e depois de lhes cortarem os pés, as mãos e também a língua, finalmente consumaram o martírio sendo degolados. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Os santos mártires Domnino, Teótimo, Filoteu, Silvano e seus companheiros, ídem, no tempo do imperador Maximiano.

São Magno, bispo e confessor, em Milão. (Floresceu nos primeiros séculos da Igreja.)

São Dominador, bispo, em Bréscia. (Ferrari, no catálogo dos Santos da Itália, conta São Dominador como outro dos mais esclarecidos pastores da igreja de Bréscia.)

São Fírmino, em Tréveris, que, sendo abade, foi feito bispo desta cidade. São Leto, presbítero e confessor, em Orleans, na França. (Passou os primeiros anos de sua infância em guardar os gados de seu pai. Depois entrou num mosteiro e, aspirando ainda a vida mais perfeita, transladou-se ao de Micy, perto de Orleans, o qual deixou também para viver numa solidão, na qual adquiriu tal reputação de virtude e santidade que atraiu a seu retiro a visita de muitos solitários famosos e de grande número de pessoas que iam admirar sua penitência e a multidão de seus milagres. Aconteceu sua morte pelos anos de 534, e suas relíquias, depois de várias trasladações, guardam-se numa igreja da diocese de Orleans.)

São Malo, Bispo e Confessor

Foi São Malo originário da Grã-Bretanha, de casa nobre e antiga. Seu pai, segundo alguns autores, era conde de Winchester, e sua mãe uma grande senhora, tia materna de Sansão e de São Maglório; podendo dizer-se que foi de uma família acostumada a produzir Santos. Deram-lhe por mestre a São Brandão, varão ilustre em doutrina e em santidade. Desde que se pôs sob a disciplina do santo Abade deu Malo claras mostras de seu bom engenho; era muito a propósito para as letras, juntando à facilidade de aprender uma docilidade e uma condescendência que o faziam amável a todos os monges da casa; a todos respeitava, a todos servia e se deixava amar de todos. Só tinha de menino a inocência e a simplicidade dos costumes; fugia de todo jogo, de toda merenda, de toda leviandade pueril, e era abstinente antes de conhecer pelo nome a abstinência; gostava de ler, e a oração tinha para ele um especial atrativo. No inverno não se achegava ao fogo, porque o suplia o aceso fogo do divino amor que abrasava seu coração. Um menino em quem o amor de Deus fazia já impressão tão viva parecia merecedor de que o olhassem com particular esmero os amorosos cuidados da divina Providência. Assim sucedeu. Estava junto ao mar o mosteiro de São Brandão, e seus discípulos saíam algumas vezes a passear na ribeira: uma tarde, estando para pôr-se o sol, saiu o menino Malo a recrear-se com seus condiscípulos e, enquanto estes se divertiam, ele sentou-se inocentemente num grande relvado ou porção de campo que por todas as partes estava desprendido da terra. Ficou dormindo sem que ninguém o advertisse; mas, chegando entretanto a maré, cobriu todos aqueles dilatados espaços que havia deixado em seco ao retirar-se, cercando por todas as partes o santo menino e levantando sobre as ondas o verde leito em que tranquilamente descansava, podendo dizer-se literalmente que dormia no seio da divina Providência. Quando o Abade o deu por falta no mosteiro, correu apressado à beira do mar, crendo-o sepultado entre as ondas. Chamou-o e, como ninguém lhe respondesse, retirou-se a seu convento penetrado de dor. Apenas amanheceu, voltou o santo Abade à ribeira, não já com esperança de encontrá-lo vivo, pois o supunha afogado, mas porque o amor é inquieto e não se satisfaz com uma só diligência. Ia retirando-se a maré, e o Abade a ia seguindo, penetrando pelo que deixava enxuto, quando viu seu querido filho sobrenadando em seu verde leito e cantando os louvores de Deus naquela nova espécie de milagroso batel. Aproximou-se do menino Malo e soube de sua boca o prodígio da divina Bondade, que quis que servisse à conservação de sua vida a mesma violência daquele furioso elemento; e, para eterno testemunho do portentoso sucesso, o

campo flutuante onde aconteceu, ao retirar-se a maré, fixou-se no solo do mar e formou uma pequena ilha que respeitam as águas, sem que se cubra jamais, nem nas marés mais vivas. Um menino em cujo favor obrava o céu prodígios era razão que só a Deus se consagrasse. Tomou, pois, o hábito de religioso e agregou-se aos monges do mosteiro de São Brandão. Foi um modelo de todas as virtudes; mas entre todas sobressaía sua humildade. Isto mesmo o fez pouco grato a seus irmãos os monges, excitando neles certo gênero de inveja que declinava em aversão, e armaram-lhe certa cilada. Uma noite em que lhe tocava despertar para Matinas, apagaram-lhe maliciosamente a lâmpada: desceu à cozinha por lume para acender uma vela; mas o cozinheiro não quis dar-lho, se não levava as brasas acesas no hábito. O santo mancebo, que era simples como uma pomba, tomou-as imediatamente na mão e lançou-as no hábito, sem que nem aquela nem este padecessem o mais leve dano; e, acesas como estavam, levou-as à cela de seu santo Abade, a qual achou já toda iluminada com uma luz celestial, em lugar da que ele não pudera trazer. Desta maneira aquele Deus, que sempre é protetor dos humildes, obrou dois prodígios a um mesmo tempo para acreditar o mérito de São Malo, à vista do que ficou tão atônito o bem-aventurado Abade que se lançou a seus pés para honrar em sua pessoa as maravilhas do poder de Jesus Cristo; mas o humildíssimo mancebo atribuía por sua parte todos estes portentosos efeitos à santidade de seu mestre; e havia entre os dois uma santa contenda ou combate de humildade, que se decidiu referindo ambos a Deus a glória daqueles prodígios. Depois de Prima tiveram entre si uma secreta conferência; e, tendo tomado a resolução de deixar o mosteiro, embarcaram num navio com ânimo de ir viver em alguma ilha deserta. Obrou muitos milagres São Malo durante aquela viagem; mas o Anjo do Senhor lhes advertiu que não fossem buscar tão longe o que tinham presente em todas as partes: que Deus residia no coração do homem e não era mister passar o mar para gozar de sua presença; que a paz inalterável não se fez para cá em baixo, nem há que esperar encontrá-la senão naquela feliz estância onde se vê Deus como é. Depois desta lição que lhes deu o Anjo, voltaram a seu mosteiro, onde acharam tão trocados os corações dos que lhes haviam dado pesadume que daí em diante viveram todos numa perfeita inteligência. Mas durou pouco a quietude de nosso Santo, porque o tiraram da solidão para fazê-lo bispo. Tendo morrido o de Guicastel, foi São Malo eleito por unânime consentimento do clero e do povo: resistiu quanto pôde à vontade e aclamação universal; mas, vendo que nada adiantava, resolveu exonerar-se daquela carga com a fuga. Embarcou-se e foi-se a uma pequena ilha da Bretanha, onde vivia um santo ermitão chamado Aarão. Alegrou-se muito com sua chegada aquele venerável ancião, o qual lhe declarou seu modo de viver e os meios de que se valia para domar a carne com todas as suas concupiscências. Agradou muito a nosso Santo aquele método de vida, e determinou-se a imitá-lo, como o havia feito na Inglaterra com a de São Brandão, seu primeiro mestre. Seu alimento era um pouco de pão e água, com algumas raízes, e tudo com medida; suas delícias, a oração e cantar salmos; seu pensamento e seu coração continuamente no céu. Não distava muito daquela ilha a cidade de Aleth, muito opulenta então pelo grande comércio que se fazia nela; mas lhe faltava o único verdadeiro bem que a podia fazer rica para a vida eterna, isto é, o conhecimento de Deus. Havia na cidade poucos cristãos; todos os demais eram gentios. Instaram a São Malo para que fosse alumiar aqueles pobres cegos com a luz do Evangelho. Resistiu-se o Santo por muito tempo, temendo cair em outro empenho semelhante ao que o havia desterrado da Inglaterra; mas um Anjo lhe apareceu e lhe intimou da parte de Deus que fosse anunciar sua divina palavra àquele povo infiel, porque afinal o mesmo Deus o tinha destinado para ser seu pastor. Sucedeu isto perto da Páscoa; e, não se atrevendo o Santo a resistir à vontade do Senhor, entrou em Aleth, celebrou o sacrifício da missa na capelinha dos Cristãos e depois pregou nela. Estendida a voz pela cidade,

concorreu a multidão; e, querendo Deus autorizar a doutrina do novo Apóstolo, permitiu ou dispôs sua providência que trouxessem um morto e o pusessem à porta da capela. Sentiu o Santo um interior impulso de empreender a ressurreição daquele defunto, para que o mesmo milagre movesse o povo a solicitar a nova vida que recebem os Cristãos pelo Sacramento da regeneração. Pôs-se de joelhos, pôs-se em oração, e todos estavam aguardando com profundo silêncio o fim daquele sucesso. Enquanto os ânimos estavam nesta suspensão, acabou São Malo de orar: ele levantou-se da terra, e o defunto do ataúde. Atônitos os infiéis à vista daquele prodígio, começaram a clamar que Jesus Cristo era verdadeiramente Filho de Deus. A este milagre seguiu-se imediatamente outro, porque converteu a água em vinho para que bebesse o ressuscitado, confirmando com isto a verdade de sua ressurreição, como se diz de Lázaro, que comeu à mesa com o Salvador depois que este o havia tirado da sepultura. Foi glorificado Deus naquele dia pela conversão de grande número de idólatras, tão crescido que apenas bastavam as forças a nosso Santo para administrar o Batismo aos muitos que lho pediam. Tendo formado, pois, aquela igreja, viu-se obrigado a encarregar-se do cuidado dela. Mudou de semblante todo o país pela vigilância do santo Pastor: isto irritou o inferno, e o inferno lhe suscitou muitos inimigos. Achou-se obrigado a retirar-se e refugiou-se na França, chegando por mar à cidade de Saintes, cujo bispo então era São Leôncio; isto é, não já São Leôncio o Antigo (o que não se ajusta bem com a cronologia) mas outro Leôncio chamado o Moço, que era arcebispo de Bordéus, metropolita de Saintes e como tal residia muitas vezes naquela cidade. Abraçaram-se estreitamente aqueles ilustres Prelados; e, como a ambos animava um mesmo espírito, ligaram uma íntima amizade, tanto mais sólida quanto se fundava unicamente na graça. Cedeu liberalmente Leôncio a seu desterrado amigo um lugar retirado, onde Malo pensou viver desconhecido; mas o grito dos milagres soa muito e descobre muito cedo os Santos que os obram. Entretanto estava a Bretanha padecendo extremas calamidades pela ausência de São Malo. Fazia-se o céu de bronze e a terra de ferro para regar e fertilizar seus campos, porque lhe faltava seu Elias; mas por fim voltou este a ela, e com ele se restituiu a prosperidade a todo o país. Foi recebido como um Anjo, concorrendo a saudá-lo os Príncipes e os Bispos, os quais todos lhe suplicaram com instâncias que jamais os voltasse a desamparar, retirando-se à cidade de Aleth; mas o Santo lhes descobriu um segredo que os afligiu extremamente, declarando-lhes que Deus tinha disposto outra coisa e que ele devia morrer na terra de sua peregrinação. Com efeito, voltou a tomar o caminho de Saintes; e, sabendo-o seu íntimo amigo Leôncio, saiu a recebê-lo com mil demonstrações de sua ordinária bondade. Estiveram juntos alguns dias empregando-os nos louvores de Deus; e, depois de uma separação não muito longa, sentiu-se São Malo acometido de uma febre maligna que em três dias lhe abriu as portas da bem-aventurada eternidade, morrendo no ano de 612, domingo 15 de novembro, sobre a cinza e o cilício, cheio de merecimentos em extrema ancianidade. Honrou-o Deus com tantos prodígios depois de morto como durante sua milagrosa vida.

Por este Santo tomou seu nome a cidade de Saint-Malo; porque a ela foram levadas suas relíquias, depois que ficou reduzida a aldeia a cidade de Aleth e transladada a Saint-Malo a sé episcopal.

São Galáscion e Santa Epistema, Mártires

No território de Emesa, na Fenícia, havia um senhor muito poderoso, chamado Clitofonte, o qual estava casado com uma senhora, de nome Leucipa, nada inferior em nobreza a seu marido. Ambos eram gentios e não cessavam de pedir a seus deuses, com incensos e sacrifícios, que lhes concedessem um herdeiro para sua casa. Mas que podem uns deuses que têm orelhas e não ouvem, que têm olhos e não veem? Os deuses foram invocados, e a esterilidade da senhora não cessou. Por este tempo perseguia estranhamente os Cristãos o governador de Emesa, que se chamava Segundo; e um santo monge que se dizia Onofre, com o fim de servir melhor à Religião, ocultou seu hábito, logrando assim mais liberdade para falar com os pagãos e atraí-los suavemente à religião cristã. Ia de casa em casa pedindo esmola corporal; mas era sua intenção distribuir ele a espiritual, dando o celestial sustento da doutrina saudável aos que o queriam ouvir e buscando almas para conduzi-las a seu Criador. Chegou à porta de Clitofonte e pediu a esmola que sustenta o corpo, buscando ocasião de repartir a que mantém a alma. Estava aquele dia Leucipa de mau humor e mandou que não abrissem a porta àquele pobre; mas nem por isso se apartou dali o servo de Deus, antes se manteve pedindo esmola. Enfim, importunou tanto que ao cabo lhe abriram a porta; e, como visse a senhora sumamente triste e melancólica, perguntou-lhe o motivo. Ela desafogou seu coração com o pobre e lhe declarou que estava consumida de tristeza porque não tinha sucessão; e que, ainda que havia recorrido a todos os seus deuses, nenhum deles a havia ouvido. «Muito justo foi que isso sucedesse assim», replicou o solitário: «pois quê! Haviam de vir as graças aos homens por mãos de tais deuses? Esses deuses que adoras não o são mais que de nome, e tanto têm de poderosos como de divinos. Só há um Deus verdadeiro e todo-poderoso que ouve as súplicas dos homens: reconhece-o tu, e logo serás mãe.» Seguiu Leucipa o conselho do servo de Deus, sendo seu coração como uma boa terra que recebeu com docilidade o grão da divina palavra, e este grão produziu nela fruto de bênção, de salvação e de santidade, premiada enfim com a coroa do martírio. Instruiu-a Onofre nos mistérios da fé; dispô-la para receber o Batismo; exortou-a ao exercício das virtudes cristãs e mostrou-lhe o hábito de religioso que ocultava debaixo daquele traje, porque este lhe facilitava a ocasião de fazer conquistas para Jesus Cristo. Disse-lhe a senhora que tinha muito medo de cair em mãos dos perseguidores e muito mais de que houvesse dissensões entre ela e seu marido. Sobre este último ponto a sossegou o santo solitário, prognosticando-lhe que Clitofonte certamente seria cristão. Rendeu-se imediatamente e, depois de suficientemente instruída nos mistérios da fé, recebeu o santo Batismo na horta de sua casa. Pouco depois retirou-se Onofre, encarregando-lhe que fosse fiel à graça do Batismo e guardasse inviolavelmente a fé de Jesus Cristo. Não foi vã a promessa do Santo: Leucipa foi mãe de um filho cuja memória veneramos; e, tendo referido a Clitofonte tudo o que havia passado entre Onofre e ela, conheceu o verdadeiro Deus e fez-se companheiro seu na Religião. Chamaram Galáscion ao menino que nasceu; mas, tendo-o reengendrado Onofre nas águas do Batismo, pôs-lhe seu mesmo nome.

Pareceu-nos conveniente informar os leitores de quem foram os pais de nosso santo Mártir, para que entendam que foi um precioso dom de Deus, como em prêmio da docilidade de sua mãe. Crescia Galáscion ainda mais em madureza e em prudência que em idade, sendo de tão desembaraçado engenho que deixava muito atrás seus próprios mestres. Logo que chegou aos vinte e quatro anos, tratou seu pai de casá-lo, porque a mãe havia morrido antes, e pôs os olhos numa donzela chamada Epistema que, salvo a religião, era em tudo cabal. Ganhou-a Galáscion para Jesus Cristo, porque no lugar onde viviam eram raros os sacerdotes: ele mesmo a instruiu e a batizou. Oito dias depois de batizada teve Epistema a visão seguinte: viu um magnífico palácio onde estavam em pé três coros ou classes de pessoas que se distinguiam pelo traje. Numa estavam uns homens veneráveis todos vestidos de negro; outro se compunha de mulheres do mesmo traje e cor; o terceiro era um coro de virgens em cujo semblante se deixava ver como retratada a alegria, e em suas frontes resplandecia a mesma serenidade. As que estavam vestidas de negro se representavam com umas asas de fogo, das quais se desprendia multidão de chispas que abrasavam quanto se lhes punha diante. Contou Epistema esta visão a seu esposo, o qual lha explicou assim: «Estes três coros representam aquelas almas ditosas que, retiradas do comércio do mundo, guardam virgindade e vivem segundo as máximas do Evangelho, sendo como uns Anjos humanos por seu desprendimento de tudo o terreno: a agilidade das asas e a atividade do fogo simbolizam admiravelmente o abrasado de seu amor e a ligeireza com que correm no caminho da virtude.» Enamorada Epistema desta explicação e sentindo em sua alma a impressão do amor divino, disse a seu marido: «Pois não podíamos nós fazer o mesmo, conservando a união de nossos corações e separando-nos para viver mais desprendidos e para entregar-nos mais a Deus?» Apoderado Galáscion do mesmo amor divino, consentiu na proposição; encomendaram os dois ao Senhor seu generoso intento, e o Senhor lhes deu graça para executá-lo. Repartiram seus bens entre os pobres e saíram de Emesa acompanhados de Eutolmo, que era o criado de sua maior confiança. Caminharam dez jornadas e acharam-se num monte que os naturais chamavam monte Público, pouco distante do monte Sinai, onde encontraram um mosteiro habitado por dez ou doze monges. Pediu Galáscion o hábito, deram-lho, e Epistema foi admitida em outro mosteiro de virgens que estava mais metido no interior do deserto. Viviam os dois uma vida de Anjos, sem outro comércio que com só Deus, gozando a doçura da solidão, sustentando-se com oração e com penitência, quando de repente se acendeu o fogo da perseguição que excitou o imperador Décio. Derramaram-se por todo o monte Sinai os ministros de sua impiedade para prender os solitários, os quais fugiram todos, exceto Galáscion e outro monge. Para a metade da noite precedente havia tido Epistema outro misterioso sonho. Pareceu-lhe que, tendo ido a um palácio em companhia de seu esposo, o rei daquela terra lhes havia posto a cada um uma coroa na cabeça. Pela manhã confiou este sonho ao mordomo da casa, que lhe assegurou que o palácio era o reino celestial, onde ela havia de reinar com Galáscion. Noticiosa a cristã heroína de que Galáscion havia sido preso, subiu ao mais elevado do monte e sentou-se onde pudesse ver sem ser vista. Mas, quando o viu passar carregado de cadeias, pôde mais que todo o seu ardente desejo do martírio e, correndo a ele exalada, disse-lhe enternecida: «Meu senhor e guia de minha alma, não me negues que sou tua: lembra-te do que concertamos entre os dois.» Disse; e os soldados a associaram ao santo Mártir. Que não disse então o esposo a sua querida esposa para animá-la a manter-se na fé e a mostrar uma generosidade que acreditasse o Cristianismo e a ela a coroasse! Mas nossos dois atletas não entraram na liça até o dia seguinte, que assinalou o juiz para o combate. O presidente mandou-os comparecer e, olhando para Galáscion com uns olhos que respiravam cólera e

centelhavam indignação, disse-lhe: «Quem é este miserável que despreza todos os deuses e somente reconhece por tal a um que não merece o nome de Deus?» Acostumado o santo Mártir a não temer mais que só a Deus, não se moveu com as palavras de um homem. Fez a confissão de sua fé e respondeu intrepidamente que era cristão e, como tal, adorava a Jesus Cristo, reconhecendo que os ídolos não mereciam outra coisa que a execração dos povos que os adoravam. Custou-lhe cara a generosidade de sua resposta, porque lhe custou a vida. Mas que caso há de fazer desta vida transitória um cristão que tem em seu coração a vida eterna? Não lhe tiraram de golpe a temporal: provaram sua fé alongando-lhe o tormento. Deu-se princípio a este espancando-o cruelmente; era doloroso o suplício; Epistema, que se achava presente, recebia por compaixão em sua alma os golpes que se descarregavam nele: era então só mártir, por assim dizer, dos olhos e do coração; logo o foi também do corpo. Vendo aquele suplício desumano, não pôde conter-se e repreendeu ao juiz sua crueldade. Foi vítima de seu zelo, porque o juiz mandou descarregar sobre seu delicado corpo uma espessa chuva de paus para que aprendesse a calar (assim o disse ele) diante de seus senhores. Não se alterou sua constância, porque o amor de Deus suavizava os golpes, ou, por uma espécie de prodígio mais admirável, deixando toda a sua viveza ao doloroso suplício, elevava a alma sobre a força da dor. Ainda não tinha a coroa dos Mártires todo o preço que havia de ter; era mister adorná-la muito mais. Mandou o tirano que metessem canas pontiagudas por entre as unhas dos dedos; com este tormento desatou-se mais sua língua para bendizer a Deus e maldizer os ídolos. Vendo-se vencido o tirano, também ele quis vencer; mandou que lhes cortassem a língua com que maldiziam os ídolos e bendiziam a Deus; depois deu ordem para que lhes cortassem as mãos e os pés; finalmente, para pôr o colmo a sua impiedade e para consumar seu martírio, mandou que lhes cortassem a cabeça. Este ditoso golpe pôs a palma imortal nas mãos dos bem-aventurados Mártires.

Santa Bertila, Abadessa de Chelles

Foi de uma das famílias mais ilustres do território de Soissons e nasceu no reinado de Dagoberto I, tendo depois adquirido com sua piedade a verdadeira nobreza de filha de Deus. Desde sua infância preferiu o amor do Senhor ao das criaturas, evitou quanto lhe foi possível a companhia e diversões do mundo e empregou sempre seu tempo em coisas sérias e especialmente na oração. Conforme ia crescendo, gostava mais e mais das suaves delícias da conversação com Deus, com o que aprendeu a desprezar perfeitamente o mundo e a desejar renunciá-lo de todo. Não se atrevendo a descobrir sua inclinação a seus pais, manifestou-se em primeiro lugar a Santo Ouen, que a animou naquela resolução; mas ambos se tomaram tempo para pedir ao Pai das luzes que os guiasse segundo sua vontade e lhes manifestasse que espírito era o que a aquele intento a conduzia, conhecendo muito bem que nem todo impulso é do Espírito Santo. O amor-próprio se disfarça facilmente de muitos modos, e o demônio em ocasiões se transforma em anjo de luz. Para não se enganar por precipitação num assunto tão importante como a eleição de estado, é sobretudo necessário um conselho imparcial, a oração, um exato exame de si próprios e uma madura deliberação. Empregados estes meios, já seus pais chegaram a saber os desejos da filha, a que Deus os inclinou a não contradizer. Levaram-na, pois, a Jouarre, grande mosteiro de Brie, a quatro léguas de Meaux, fundado não muito antes, pelos anos de 630, por Adão, irmão mais velho de Santo Ouen, que tomou nele o hábito monástico com outros muitos nobres jovens e estabeleceu

um convento de monjas em sua vizinhança, que afinal veio a ser a casa principal. Santa Telquildes, virgem de nobre ascendência, que parece ter sido educada, ou que havia professado antes no mosteiro de Faremoutiers, foi a primeira abadessa de Jouarre e governou aquela casa até o ano de 660. Tanto esta como sua comunidade religiosa receberam a Bertila com suma alegria e a educaram nas práticas exatas da vida monástica. Olhando nossa Santa esta solidão como o porto mais seguro, não cessou jamais de dar graças ao Senhor pela infinita misericórdia de que havia usado com ela, tirando-a do oceano proceloso do mundo; mas estava persuadida de que nunca chegaria a merecer ser esposa de Jesus Cristo se não o seguisse pelos passos da humilhação e da negação própria. Parecia serva de todas as suas companheiras na perfeita submissão que a cada uma delas professava, sendo em toda a sua conduta modelo de humildade, de obediência, regularidade e devoção. Ainda que era todavia jovem, sua prudência e virtude pareciam consumadas; pelo que lhe foi encarregado o cuidado de receber as visitas de estranhos, assistir aos enfermos e cuidar das crianças que eram educadas no mosteiro. Em todos estes empregos desempenhou suas obrigações com suma caridade e edificação, e especialmente quando foi eleita priora para ajudar a abadessa em sua administração. Neste ofício sua terna devoção, sua habitual consideração sobre a presença divina e as demais virtudes que a adornavam brilharam com muito maior lustre e tiveram não pequena influência na direção de toda a comunidade. Não havia quem com seu exemplo não se envergonhasse de faltar na prática mais leve de igual devoção ou na observância mais pontual e escrupulosa das regras de disciplina monástica.

Quando Santa Batilde, mulher de Clóvis II, reedificou magnificamente a famosa abadia de Chelles, que havia fundado Santa Clotilde, perto do Marne, a quatro léguas de Paris, solicitou que Santa Telquildes suprisse uma colônia das monjas mais experimentadas e virtuosas de Jouarre, para que dirigissem aquelas noviças nos passos da perfeição monástica. Bertila foi a nomeada para acaudilhar esta santa comitiva, e foi com efeito eleita primeira abadessa de Chelles como pelos anos de 646. A reputação da santidade e prudência de nossa Santa e a excelente disciplina que estabeleceu nesta casa trouxe a ela várias princesas estrangeiras; e entre outras, segundo Beda, Hereswita, rainha dos anglos orientais. Esta foi filha de Hereric, irmão ou cunhado de Santo Edwino, rei de Northumbria, e casada com o religioso rei Anna, com cujo consentimento renunciou ao mundo; e, passando à França no ano de 646, fez-se monja de Chelles, onde acabou felizmente sua mortal peregrinação. No Martirológio inglês de Wilson está colocada entre as Santas no dia 20 de setembro. A rainha Batilde, depois da morte de seu marido, acaecida no ano de 655, ficou de governadora do reino durante a menoridade de seu filho Clotário III; mas, logo que teve este a idade competente para mandar por si, no ano de 663 retirou-se àquele mosteiro, tomou o hábito religioso das mãos de Santa Bertila, obedecia-lhe como à última monja da casa e passou à glória dos Anjos no ano de 680. Nesta numerosa família de rainhas, princesas e distintas virgens não havia mais debates nem mais competência que para a humilhação e a caridade: jamais se via outra disputa que a de qual havia de ser primeira a obedecer, a humilhar-se, e qual havia de exceder às demais em mansidão, devoção, penitência e demais exercícios da disciplina monástica. A santa Abadessa, que via a seus pés cada dia duas grandes rainhas, mostrava-se a mais humilde e mais fervorosa de todas as suas irmãs e fazia ver em sua conduta que ninguém é capaz de mandar bem se não aprende antes a obedecer. Esta disposição humilde de ânimo extingue a soberba e remove o fatal deleite do poder, que se insinua insensivelmente, que é a semente da tirania e que corrompe e adultera os bons sentimentos do coração. Esta virtude é a única que torna

os mandatos suaves em sua mesma severidade, e a nós pacientes e firmes em sua observância e obséquio. Santa Bertila governou este mosteiro por espaço de quarenta e seis anos com igual vigor e discrição. Em sua avançada idade, longe de abater seu fervor, empenhava-se em duplicá-lo cada dia mais, tanto em suas penitências como em suas devoções; assim como o corredor se esforça mais e mais quanto mais próximo vai vendo o fim de sua carreira, e como o trabalhador faz maiores esforços em seus últimos golpes por acabar mais cedo sua fatigosa tarefa. Com estas fervorosas disposições concluiu nossa Santa seu curso penitencial e sua vida no ano de 692.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Malo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Mali, confessoris tui atque pontificis, solemnitate deferimus: ut qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis ab omnibus nos absolvas peccatis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Suplicamos-vos, Senhor, que ouçais benignamente as súplicas que vos fazemos na solenidade do bem-aventurado Malo, vosso confessor e pontífice, rogando-vos que nos absolvais todos os nossos pecados pelos méritos e pela intercessão daquele que mereceu tão dignamente servir-vos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é da segunda do apóstolo São Paulo a Timóteo, capítulo 4.

2 Timóteo 4,1-8

> **Latim:** [1] Testificor coram Deo, et Jesu Christo, qui judicaturus est vivos et mortuos, per adventum ipsius, et regnum ejus : [2] prædica verbum, insta opportune, importune : argue, obsecra, increpa in omni patientia, et doctrina. [3] Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros, prurientes auribus, [4] et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. [5] Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistæ, ministerium tuum imple. Sobrius esto. [6] Ego enim jam delibor, et tempus resolutionis meæ instat. [7] Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. [8] In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam

> reddet mihi Dominus in illa die, justus judex : non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt adventum ejus. Festina ad me venire cito.

Português: [1] EU te esconjuro diante de Deos, e de Jesu Christo, que ha de julgar os vivos, e os mortos na sua vinda, e no seu reino: [2] que prégues a palavra, que instes a tempo, e fóra de tempo: que reprehendas, rogues, admoestes com toda a paciência, e doutrina. [3] Porque virá tempo, em que muitos homens não soffrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, accumularão para si mestres conforme aos seus desejos, [4] e assim apartarão os ouvidos da verdade, e os applicarão ás fabulas. [5] Tu porém vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra d'hum evangelista, cumpre com o teu ministerio. Sê sobrio. [6] Porque quanto a mim, eu estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha. [7] Eu pelejei huma boa peleja, acabei a minha carreira, guardei a fé. [8] Pelo mais me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor justo juiz me dará naquelle dia: e não só a mim, senão tambem áquelles, que amão a sua vinda. Procura vir ter comigo com brevidade.

Reflexões

Fecharão os ouvidos à verdade. É a verdade a coisa mais digna da curiosidade dos homens. Por uma parte se deseja, e por outra parece que se receia encontrá-la. Perguntou Pilatos a Cristo: que coisa é a verdade? E não quis esperar sua resposta. Hoje nem há valor para dizer a verdade, nem tampouco há espírito para ouvi-la. Agrada muito à razão, mas desagrada ao amor-próprio: é inimiga de todas as paixões e por isso mesmo todas elas lhe fazem uma sangrenta guerra. Demonstra-se sem trabalho a verdade, sobretudo em ponto de religião: brilha como um astro; mas só aos olhos sãos e desanuviados, a entendimentos retos, a corações puros e dóceis. As névoas que a ofuscam nascem de nosso terreno. Busca-se a verdade; mas por caminhos que nos desviam dela e por preocupações que nos cegam. Quando nos domina a paixão, se se fazem alguns esforços, somente são para obscurecer a verdade. É o erro o primogênito de todas as paixões. Nenhum herege deixaria de conhecer que ia errado se a paixão não fosse a mãe de todos os cismas e de todas as heresias. Deixe de ser escrava a razão, obre sem preocupação o juízo, extinga-se a paixão, e logo se deixará ver a luz da verdade. Condena a Igreja um divórcio, um adultério escandaloso? Pois rebela-se o príncipe contra a Igreja. A paixão vitoriosa nunca triunfa pela metade. Abandona aquele príncipe a fé por não abandonar sua paixão; e, fortificando-se esta com os primeiros excessos, conduz ao último precipício. Muda de religião porque a Igreja não lhe permite mudar de mulher. Transtorna todas as leis; forja um novo sistema de Igreja; e por uma série de erros, que vêm a parar na última cegueira, faz-se cabeça dela. Este é o grande fundador da igreja anglicana, e esta a famosa época de sua fundação. Uma forma de Igreja desconhecida aos novos cristãos, encerrada numa ilha; uma paixão violenta que supriu, que fez as vezes de revelação; uns homens capazes de honestos costumes, cultivados e até hábeis nas artes e nas ciências, nem veem nem sentem o ridículo daquele confuso caos, daquele fantasmão de religião e daquele montão atropelado de seitas. Bom Deus, e até onde são capazes de chegar os descaminhos do coração humano quando se chegou a perder a fé! Mas a verdade mantém sempre

uma linguagem uniforme. De onde nascem aquelas intermináveis variações em todas as seitas, em todos os novos sistemas de religião? Pretexta-se o especioso nome de amor à verdade, assim como se adota o cauteloso título ou sobrescrito de reforma. Mas de boa-fé, é a verdade a que se busca? É a reforma a que se pratica? Salvo que se chame reforma o cortar tudo o que desagrada aos sentidos, tudo o que se opõe à sensualidade e tudo o que acorrenta o amor-próprio, só se pretende satisfazer tranquilamente à paixão, contentar o espírito de orgulho, de despique e de vingança; só se pretende acalmar os gritos da consciência nos descaminhos e nos erros: isto é o que no fundo se busca, e de nenhum modo se busca a verdade. A isto se dirigem todos os cuidados, todo o estudo e todos os esforços que se fazem para defender o cisma e o erro.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus (o impresso remete à página do dia anterior).

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos,

eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Dos meios para conseguir a salvação comuns a todos os Cristãos

Primeiro ponto

Considera que Deus não se contentou com criar-nos para ele mesmo como para nosso último fim: quis também, por efeito de sua infinita bondade, obrigar-nos indispensavelmente a ir a ele pela multidão de meios que nos preparou para caminhar ao mesmo último fim. Não há criatura alguma que, considerada em si mesma, não nos sirva de meio para conhecer e amar a Deus; se alguma nos serve de estorvo, é porque abusamos dela. Os bens e os males desta vida, até os mesmos trabalhos que nos envia Deus para castigar nossos pecados, tudo pode conduzir para facilitar-nos nossa salvação. Nossos próprios defeitos podem também contribuir para o mesmo. Não temos inimigo mais mortal de nossa salvação que o demônio: no meio disso, seus artifícios, seus laços e suas tentações podem servir para salvar-nos. É necessária a graça para chegar a nosso último fim, é verdade: sem ela seriam inúteis nossos maiores esforços, não há dúvida; mas também é artigo de fé que nós podemos faltar à graça, mas que a graça nunca nos pode faltar, e que não há no inferno um só condenado que não se tenha condenado por culpa sua, porque quis, porque não lhe deu vontade de aproveitar-se dos meios que teve para salvar-se. Somos fracos, não se pode negar; são muito frequentes as ocasiões e, pela corrupção que causou o pecado no coração do homem, temos uma furiosa inclinação ao mal; mas poderiam desejar-se auxílios mais poderosos que os que temos para não cair e para levantar-nos depois de ter caído? Temos considerado alguma vez quão fácil é conseguir nossa salvação, contanto que nos queiramos aproveitar dos grandes meios que temos para consegui-la? Tantos Sacramentos, nos quais se nos aplicam os infinitos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo; Sacramentos que, por assim dizer, são como um banho de seu preciosíssimo sangue, nos quais acha a alma tantos socorros para suas necessidades; Sacramentos, remédios saudáveis, inesgotáveis fontes de tantas graças, não serão meios fáceis e eficazes para chegar seguramente a nosso último fim? Aos discípulos do Salvador lhes era fácil ser Santos, tendo continuamente à vista o Santo dos Santos; será muito dificultoso para nós, tendo-o também perpetuamente em nossa companhia? Aqueles eram ditosos porque podiam conseguir do divino Salvador o que desejavam; seremo-lo menos nós possuindo a Jesus Cristo na Eucaristia? Também a oração é um meio muito eficaz, posto que o Senhor nos empenhou sua palavra e se obrigou solenemente a conceder-nos tudo quanto em seu nome lhe pedíssemos. Nenhuma coisa excetuou nesta obrigação que nos fez; esta obrigação a estendeu indiferentemente a todo gênero

de pessoas. Não há mais que pedir; e isto quem não o sabe fazer? Mas pedem-se com muita instância estas graças, e fazem-se muitas diligências para merecê-las?

Segundo ponto

Considera que, ainda quando não tivéssemos mais que o sacrifício da missa e do altar, parecia que devia ser bastante para assegurar nossa salvação. Por grandes que sejam as graças de que temos necessidade, pode-se imaginar que um Deus presente, que um Deus oferecido por preço destas graças não seja capaz de conseguir-no-las? Devemos muito à justiça de Deus, é inegável; necessitamos de auxílios muito extraordinários; mas uma só comunhão, uma só missa nos pode socorrer com o que nos sobre para pagar estas dívidas, para satisfazer por todas as nossas obrigações. Temos à mão uma hóstia que não pode Deus desdenhar; uma hóstia capaz de apagar todos os pecados dos homens; em quem consistirá que não apague os meus? Certamente, se se tivesse posto a nosso arbítrio, se se tivesse deixado à nossa liberdade a eleição de meios próprios para fazer nossa salvação, teria jamais passado por nosso pensamento escolhê-los tão poderosos, tão fáceis e em tanto número? Ter-se-nos-ia jamais oferecido pedir tanto como Jesus Cristo nos deu liberalmente? Quantas graças, quantos auxílios espirituais, quantos Sacramentos, mananciais fecundíssimos de todas as graças! Mas que uso temos feito de tantos meios? Como nos temos aproveitado de tantos auxílios e que sinal será o de não nos termos aproveitado? Na verdade, é mister ter bem pouca vontade de salvar-se quando se condena alguém com tantos, tão fáceis e tão eficazes meios para conseguir a salvação. Que desculpa teremos, que pretexto, ainda levemente plausível, poderemos alegar para não o ter feito? Que responderemos à reconvenção com que nos darão em rosto os infiéis e até o mesmo Jesus Cristo? Que dor para um cristão ter-se condenado com tantos auxílios! Que desespero o meu se com tantos auxílios me condeno! E que outra coisa devo esperar se não me aproveito destes meios melhor do que me tenho aproveitado até aqui? Que obras tem produzido em mim esta fé, a qual é uma fé morta sem as obras? Quantas vezes me tenho chegado ao sacramento da Penitência desde que fui pecador? E desde que me cheguei a este Sacramento, tenho sido mais penitente?

Sê-lo-ei, Senhor, daqui em diante, mediante vossa divina graça. Não ma negueis esta vez, ainda que tantas outras não me tenha aproveitado dela. Resolvido estou a empregar melhor no futuro os meios que me haveis dado para minha salvação; fazei que seja eficaz este meu propósito.

Jaculatórias

Oxalá, Senhor, que daqui em diante nunca me desvie do caminho de vossos mandamentos! (Sl 118.)

Gravada tenho, Senhor, em meu coração vossa santa lei, a fim de não vos ofender jamais. (Ibid.)

Propósitos

1. Ao ver que umas casas opulentas, umas famílias poderosas, umas fortunas brilhantes de repente se desfazem e caem precipitadamente na mendicidade e no esquecimento por contratempos imprevistos, sem que tivesse parte naquela desgraça nem a falta de prudência nem a falta de conduta, todos se movem a compaixão, todos se lamentam daquele infortúnio e todos adoram os secretos juízos da divina Providência. Mas, quando se veem uns filhos a quem um pai sensato, prudente e de cabeça deixou imensos bens, poderosas proteções, muita honra, muita estima e todo gênero de meios para que facilmente se pudessem adiantar, fazendo-se mais poderosos e mais ilustres, mas que eles, por suas vis e viciosas inclinações, por uma espécie de fanatismo, por sua brutalidade e por seus estragados costumes, dissipam miseravelmente em glutonarias, em torpezas e em excessos, como o filho pródigo, todos aqueles grandes bens, não se querem aproveitar daqueles grandes meios e se fazem infelizes por sua culpa e capricho, longe de ter-lhes lástima, todo o mundo se indigna contra eles. Neste caso nos achamos nós a respeito dos bens espirituais em que Jesus Cristo nos deixou herdados e a respeito dos meios que nos proporcionou para adiantar esta herança, dos quais não queremos usar ou abusamos deles por culpa nossa. Emenda, repara desde logo este abuso: aproveita-te de tantos meios, sobretudo dos Sacramentos, da real presença de Jesus Cristo no altar e do poderoso auxílio da oração, considerando que em tuas mãos está, por assim dizer, fazer eternamente tua fortuna.

2. Nenhuma devoção, por ligeira que pareça, hás de desprezar; todas são importantes para a salvação. Guarda-te bem de que sirvam para tua condenação as que agora se te propõem; nenhuma é inútil; poucas há que não sejam convenientes e até talvez também necessárias. Cada dia hás de fazer com maior fervor os exercícios espirituais. Como todos os dias se faz a oração da manhã e da noite, como todos os dias se reza o Rosário e se cumpre com outras devoções, há grande perigo de que tudo se faça de memória e por costume; e esta, se não se anima cada vez com motivos sobrenaturais, logo degenera. Reza-se como por carretilha; confessa-se e comunga-se sem fervor; põe-se diante de Jesus Cristo sem devoção e sem respeito; no máximo, só se tem uma devoção fria, seca e estéril. Não queiras que daqui em diante sejam inúteis para ti uns meios tão poderosos para tua salvação.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:24 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:24 by Admin